

Algumas reflexões sobre Antropologia nativa: trajetória acadêmica de um pesquisador Fulni-ô¹

Como pode ser tão simples usar cosmologias e sistemas de conhecimento indígenas em uma chamada nova “virada” intelectual, ao mesmo tempo em que se ignora as realidades contemporâneas dos povos indígenas que se relacionam com estados-nação coloniais, assim como ignora-se os muitos pensadores indígenas que estão eles próprios escrevendo sobre estas mesmas questões?

(Zoe Todd)

Romério H. Z. Nascimento²
Wilke T. de Mello³

Palavras Chaves: Índigena – Nordeste - Universidades

Este ensaio apresenta a trajetória de vida do antropólogo Fulni-ô Wilke Torres de Melo. De fato, trata-se de uma versão preliminar da sua trajetória que deverá ser retomada, conforme as circunstâncias o permitam, buscando adensar certos aspectos e corrigir, eventualmente, outros. Vale notar que o povo Fulni-ô é o único do Nordeste brasileiro, com exceção do Maranhão, que é bilíngue, o que quer dizer que conserva a língua indígena. Está localizado no sertão do estado de Pernambuco, em uma terra demarcada na segunda metade do século XIX, com 11.506 ha. Com uma população superior a cinco mil habitantes, compõe uma sociedade marcada por relações sociais diversas, com forte presença dos modos organizacionais da sociedade nacional, mas também com forte presença dos modos nativos de interação social. Esse último fato deve-se à existência da Aldeia do Ouricuri, reduto sagrado para as experiências espirituais e coletivas do grupo.

Como é sabido, as experiências acadêmicas têm se intensificado a cada ano

¹ Ensaio para o GT 65, “Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro”, da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, de 09 a 12 de dezembro de 2018.

² Natural da cidade de Campina Grande, PB, atualmente é Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia e membro do Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB-UFBA).

³ Indígena Fulni-ô, do município de Águas Belas, PE, é mestre pela Universidade Iberoamericana da Cidade do México.

no Brasil, principalmente com as políticas afirmativas das cotas.⁴ Entre os Fulni-ô, percebe-se a presença de diversos profissionais com formação acadêmica, tais como pedagogos, linguistas, médicos, advogados, historiadores, antropólogos, enfermeiros, agrônomos e médicos veterinários, do que resulta uma demanda bastante expressiva por esses profissionais. Em geral, eles atuam nas áreas da Educação Escolar indígena⁵ e não indígena, Saúde Indígena, através do polo base que está vinculado ao DSEI-PE (Distrito Sanitário Especial indígena), e em secretarias municipais de Águas Belas - PE. Trata-se, pois, de uma mão de obra especializada que, contudo, muitas vezes é compelida a se deixar absorver por atividades fora da área de formação. Uma das razões para que isso aconteça é o desejo de permanência no território indígena. Há relatos de indivíduos que receberam propostas de trabalhos em outros estados e abriram mão dessas oportunidades por força dos vínculos com a terra e o modo de vida Fulni-ô. Outro dado observado é o pouco engajamento da mão-de-obra indígena na economia regional. Muitos Fulni-ô afirmam que a presença de uma aldeia indígena encravada no perímetro urbano suscita resistência por parte de pequenos e médios empresários locais a contratarem a mão de obra indígena.

Ao ler a ementa do GT 65, “Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro”, da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, pensei em fazer algo sobre o antropólogo Fulni-ô Wilke Torres de Melo. Propus-lhe, então, uma parceria na construção deste texto cujo objetivo seria tratar de sua trajetória enquanto um acadêmico indígena, cuja história de vida iria muito além dos espaços universitários. Prontamente, ele atendeu o convite. Viver dentro e fora da academia constitui-se em elemento fundamental na sua formação, dado que a sua cidadania foi construída com fortes liames com as práticas socioculturais Fulni-ô.

Nas últimas quatro décadas o número de cientistas sociais indígenas tem aumentado em muitos países da América Latina, possibilitando o surgimento de pensamentos fundamentais nos contextos de ressignificações epistemológicas, principalmente na área da antropologia. Essa área funcionaria, assim, “como uma lente

⁴ “Neste cenário, a Lei nº 12.711 de 2012, conhecida como Lei de Cotas, se apresentou como uma grande conquista, uma vez que regulariza a necessidade e manutenção dessas iniciativas que passaram, assim, de experimentos isolados a políticas nas instituições federais de ensino superior.” (Cruz. 2017:95)

⁵ A aldeia possui duas escolas cujo conteúdo programático é composto de questões étnicas Fulni-ô. Uma, é a Escola Indígena Marechal Rondon (fundada em 1922), atualmente voltada para a educação infantil, educação de jovens e adultos – supletivo, educação indígena, ensino fundamental, ensino médio. A outra é a Escola Estadual Antônio José Moreira (fundada em 1998, e direcionada exclusivamente para o fortalecimento do Yaathê.

multifocal, multidimensional e multicósmica que possibilita ao indígena enxergar coisas que a própria antropologia não consegue ou não quer enxergar, porque este dispõe de outras formas, propósitos e ângulos para enxergar.” (BANIWA. 2016: 47)

Antropólogos e antropólogas indígenas, em sua maioria, têm criticado o que consideram um fazer etnocêntrico antropológico, afirmando buscar novas respostas para os aspectos étnicos ou pluriétnicos que se apresentam como fundamentais para as diferentes relações que os povos indígenas têm sido compelidos a estabelecer ao longo da história. Desse modo, atuando como ativistas políticos em nome da autonomia ou resistência dos seus povos, eles tentam sair de um campo político hegemônico no âmbito do qual são vistos apenas como futuros empreendedores ou operários (DE LA CADENA, 2009:145).

Desde cedo, Wilke Torres viveu entre espaços externos ao território Fulni-ô e à Aldeia do Ouricuri, onde cultivou experiências importantes para a sua percepção enquanto parte de um grupo diferenciado sobretudo por suas peculiaridades linguísticas, espirituais, sociais e históricas. Ele faz parte de uma família cuja posição étnico-social é permeável ao jogo de forças políticas e religiosas da aldeia, o que significa que na hierarquia clânica⁶ Fulni-ô ela ocupe uma posição adjacente. Tal posição pode ser inferida de uma declaração feita por Wilke Torres, em 2013, em um curso de gestão territorial e ambiental das terras indígenas, de que não poderia ser Cacique nem Pajé Fulni-ô. Depreendi que se trataria de uma restrição relacionada à estrutura clânica.

Teriam sido suas habilidades para leituras de cunho político-social, a partir de um olhar crítico da história e da sociedade brasileira, que o fizeram escolher o curso de Ciências Sociais, quando ainda cursava o técnico em agropecuária. As vivências com parentes indígenas e professores influenciaram essa opção, pois os assuntos de caráter social eram constantemente trazidos para os espaços da escola, suscitando, assim, assim inquietudes. Após concluir o curso em agropecuária, foi para Recife, capital do estado de Pernambuco, com a perspectiva de estudar naquela cidade.

Havia conhecido Recife antes, por volta dos 17 anos e através de visitas eventuais, quase sempre feitas pelos indígenas na busca de projetos comunitários

⁶ Em sua dissertação de mestrado, Melo apresenta uma fotografia da década de 1930 do pesquisador Carlos Estevão de Oliveira em que o mesmo registra os cinco *Datkas* (líderes) Fulni-ô, os quais representam a organização política Fulni-ô. O autor faz a seguinte observação: “En el contexto de la política indigenista basada en el mencionado principio tutelar el Estado brasileño ha expandido las categorías políticas de cacique y pajé, a prácticamente todos los grupos indígenas del país.” (2013:51).

formulados pela FUNAI no início dos anos 90. Suas experiências urbanas até então eram baseadas nos convívios sociais dos municípios de Águas Belas e Belo Jardim (Pernambuco), porém levando-o sempre a se impressionar com o ritmo veloz e a magnitude da vida urbana. Foi essa percepção sobre Recife que o levou a escolher Ciências Sociais, como meio de tornar possível a sua compreensão sobre essa nova forma de vida que se apresentava em sua trajetória. Assim ele descreve a percepção que teve de Recife:

Então, chegar em Recife e me deparar com a realidade urbana, metropolitana de Recife, começar a entrar naquele choque, coisas, imagens e retratos marcantes da cidade, que você só encontrava na rua. A velocidade da cidade, o trânsito das pessoas. As pessoas não pararem nenhum momento, aquele jeito, aquele modo elétrico das pessoas viverem. os choques. você vê casais namorando na rua, homossexuais, mulheres, crianças vivendo embaixo das pontes, palafitas. A cidade é pulsante [...] São imagens novas pra quem vem do interior com uma perspectiva mítica do tempo. a coisa assim, a grande desigualdade social de Recife. Você passar em bairros, em localidades de grande opulência e grandes contrastes: Casa Forte, Parnamirim, Boa Viagem ... de repente se deparar com bairros muito pobres. aquele choque econômico muito grande. (Entrevista, junho de 2018)

A chegada na capital pernambucana foi um tanto difícil e solitária, principalmente devido à pequena condição financeira de sua família, o que não lhe permitia contar com o seu apoio material. Com mochila nas costas chega ao pátio da FUNAI de Recife em 2004, almejando algum tipo de suporte para a realização de curso preparatório para o vestibular. A instituição só disponibilizava apoio para estudantes que já estavam matriculados em algum curso superior, através de uma pensão para alojamento de estudantes universitários, oriundos tanto de instituições públicas quanto de privadas. “Com os recursos baixos da instituição governamental, abrir espaços para estudantes secundaristas poderia causar falta de recursos para quem já estava na Universidade”, reconhece ele (Entrevista, junho de 2018). No entanto, foi a sua insistência, dialogando com técnicos da área de educação da FUNAI, que lhe rendeu uma vaga na pousada custeada pela área de educação da FUNAI. E isso ocorreu antes mesmo de ter feito vestibular.

A FUNAI continua tendo atribuição legal para a defesa judicial dos direitos indígenas, mas ela ficou menor diante da atribuição constitucional do MPF e da sua maior capacidade institucional e qualificação técnica para assumi-la efetivamente e em escala relevante, com o que se rompeu um primeiro elo do monopólio tutelar da FUNAI. (RICARDO, 2010:13)

A primeira tentativa para entrar na universidade foi no final desse mesmo ano, através do vestibular para a Universidade Federal de Pernambuco. Porém, sua pontuação não foi suficiente para fazer o curso de Ciências Sociais, embora tenha sido para acessar

outros cursos, como, por exemplo, o curso de agronomia. A partir disso, os funcionários da FUNAI ficaram impressionados com o seu desempenho, considerada a sua condição de egresso de escola pública. O fato os sensibilizou para buscar melhorar as suas condições de vida, pois suas motivações passaram a ser melhor compreendidas. No Brasil, naquele momento, ainda não tinha sido implantado o sistema de cotas e as discussões nesse sentido eram muito tímidas, pois quase não se falava de políticas de ações afirmativas.

No ano seguinte, ele manteve o ritmo de estudo, alternando estudos e o trabalho com carteira assinada numa loja de jogos eletrônicos, no bairro de Boa Viagem, Recife, trabalhando das 19:00 às 07:00 do dia seguinte, perfazendo, assim, uma carga horária de 12 horas por 36 horas. O trabalho proporcionou um recurso para que ele se matriculasse em um cursinho pré-vestibular.. Foi nesse momento que o apoio da FUNAI chegou de modo mais decisivo

Aí eu ganhei apoio da FUNAI pra eu ficar como uma espécie de penetra na pousada. Então, eu ficava na pousada, o pessoal tinha o quarto dele lá e eu ficava de penetra, eu ficava perambulando no espaço. Se você é estudante secundarista você era um penetra. Meus parentes demarcavam isso. Mas, são coisas... hoje nós temos uma amizade muito grande. Hoje eu entendo na boa essas situações. Mas, na época gerava algum tipo de conflito sobre isso. Nessa situação só tinha eu. Comecei a entender, comecei a aprender o que era ter, naquela época, o que era ter 360 reais na mão. Eu tinha uma carta na manga que era aqueles 360 reais na mão. Já dava pra chegar no final de semana e tomar duas cervejas. (Entrevista, junho de 2018)

Após um ano de cursinho, Wilke Torres conseguiu ser aprovado na terceira colocação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Diz ele: “É, a Universidade foi uma coisa, uma coisa nova estar lá dentro. A gente se sente muito empoderado, né? Ao chegar na Universidade e se afirmar como indígena” (entrevista, junho de 2018). No início do curso, ele se dedicou ao trabalho artesanal para fazer face às suas despesas pessoais, mediante a venda em eventos fora e dentro da aldeia.

Recém chegado na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Wilke Torres foi vítima de forte preconceito no próprio campus universitário, ouvindo questionamentos, segundo ele, do tipo: “porra, você é indígena e tem um cabelo ruim”?; “por que é indígena se você tem uma pele branca?” (entrevista, junho de 2018). Lembra de professores da própria UFRPE, do curso de Desenvolvimento Rural, por exemplo, cheios de preconceito, dizendo “pô, você não é índio não, isso é invenção de vocês”. (*Ibid.*) E mais ainda:

Um cara uma vez chegou na sala de aula, num intervalo, num corredor, chegou pra mim e disse “porra, você não é índio não, índio são aqueles caras que vivem nas florestas, num sei o que.” Aí eu ia pro enfrentamento. “Sua fala, sua fala é uma fala preconceituosa vá se foder. Eu não sou índio de 1500 não. Nós somos

um Povo, uma cultura, uma língua e nos percebemos dessa maneira. Não nos percebemos como vocês pensam, não”. (*Ibid*)

Explicar a condição de indígena em um contexto desfavorável requer um verdadeiro exercício didático-antropológico diante da incompreensão, por parte de muitos sobre o que vem a ser um grupo étnico em situação de fricção interétnica, tal como acontece no Nordeste brasileiro. Desse modo, o curso ajudou a dar voz e poder a um índio para explicar, de modo mais crítico, a condição indígena nesse contexto político-geográfico.

Como é largamente sabido, as tensões decorrentes do contato entre colonizadores e indígenas ocorrem desde que os colonizadores aportaram no litoral nordestino. Até a metade do século XVI, alguns grandes povos, como os Caeté localizados no litoral pernambucano, foram exterminados em guerra contra portugueses. Os navios atracavam, transportando, além de muita pólvora e armamento pesado, religiosos católicos, que passavam a se constituir em uma arma muito eficaz no processo de dominação dos nossos povos originários.

À medida que os anos passavam, mais os povos indígenas foram sendo submetidos à vontade do dominador. Diversas tentativas nativas de resistência foram acionadas pelos povos indígenas do interior contra os portugueses e os rivais tupis, porém, como tem sido registrado, com muito mais perdas do que vitórias. A Guerra dos Bárbaros ou o que tem sido denominado Confederação dos Cariris (PIRES, 1990) é um bom exemplo do que os povos indígenas do Nordeste fizeram para tentar resistir à dominação portuguesa. Essas ações concertas persistiram de 1683 a 1713, reunindo antigos povos aliados dos holandeses, como os Cariri, Paiacu, Sucuru, Canidé, entre outros, contra os portugueses que, com a saída dos holandeses do Brasil (1654), intensificaram a interiorização de seus domínios.

Há registros sobre a relação dos Fulni-ô com os europeus já no início do século XVII, porém de modo amistoso de acordo com as crônicas de Gaspar de Barléu (1940) publicadas sob o título “Histórias dos Feitos Recentes Praticados Durante Oito Anos Oito Anos de Nassau no Brasil”. Peter Schröder (UFPE) organizou uma coletânea, na qual apresenta informações sobre questões importantes da territorialidade Fulni-ô, sua organização social e do parentesco, como também a presença de algumas etnias na formação do próprio grupo. Percebe-se tanto nos dados apresentados pelo autor quanto pela própria historicidade Fulni-ô, que há uma junção de diversas etnias (Pacararu, Shucuru, Cariri Shocó, Carnijó...) para o que hoje é o povo Fulni-ô. Essa prática de aldear

vários povos em único local era uma prática colonizadora recorrente, mas poderia resultar também da junção de povos que buscavam abrigo diante das perseguições das quais eram alvo.

É a história de séculos de lutas dos Fulni-ô com a sociedade não indígena que impeliu Wilke Torres a buscar forças para fazer os enfrentamentos necessários e manter-se em espaços institucionais não indígenas, com importância crescente sendo conferida ao fortalecimento e respeito as diferenças. Baniwa, a partir de sua trajetória como antropólogo indígena, afirma que

Na academia se pode perceber o lugar político-racional da antropologia e dos antropólogos, as vaidades, as ambições, o espírito colonizador, tutelar e subalternizador. Mas também, os valores e as riquezas patrimoniais incalculáveis de conhecimentos, de informações e de iniciativas políticas, formativas e práticas de grande relevância para a vida dos povos indígenas. (2016:49)

Como estudante universitário, Wilke Torres passou a fazer parte de grupos de pesquisa. Inicialmente, de um grupo liderado pelo professor de Sociologia Hélio Mendes no âmbito do qual participou de discussões sobre sociologia agrária no Nordeste, a situação do trabalhador no campo, na região de Lagoa Taíni, na Zona da Mata pernambucana.

Apesar da UFPE ter proporcionado condições teóricas e experiências diversas que contribuíram para o seu aprendizado em face da alteridade, essa mesma instituição também se apresentou carregada de conservadorismo e preconceito.

As Universidades de Pernambuco são extremamente conservadoras. Isso é uma fala mais ácida, é uma fala crítica mesmo. Do espaço institucional da Universidade. [...] A Universidade Rural representa muito a ideia da “Casa Grande”. Esse é inclusive um dos meus incômodos, porque em algum momento não dei continuidade a certos diálogos com vista ao doutorado. O desalento é identificar o modo travestido em que o discurso colonizador aparece, inclusive nas Ciências Sociais. Isso repercutiu numa certa depressão intelectual pós-mestrado.....(....) Tanto é que comparando com outras universidades brasileiras as instituições públicas [de Pernambuco] nem sequer se abriram para um diálogo de políticas de ações afirmativas. (Entrevista, junho de 2018)

Wilke Torres, afirma que a relevância da Universidade para o indígena não está apenas relacionada ao acesso físico a ela. Assim, faz-se necessário, ademais, “rever cursos, repensar espaços de discussão e incrementar currículos. Seria preciso uma verdadeira abertura epistêmica, desfazendo a episteme que está atualmente em curso nas universidades, que é altamente monolítica, isto é, fechada tanto para outras formas de conhecimento como para o próprio Outro.” (CRUZ, 2017: 97)

No decorrer do curso, Wilke Torres se envolveu em diversas discussões sobre

política indigenista, vindo a participar de encontros e trabalhos acadêmicos que tratavam sobre questões dessa área. Ao ser convidado para participar de atividades sobre temas indígenas na UFPE, ele conheceu os Professores Peter Schröder, Renato Athias e Edwin Reesink, com os quais permanecerá em contato durante sua presença na Universidade. Uma das pesquisas importantes desenvolvidas com o Professor Renato Athias foi aquela relacionada à pesquisa no acervo da Coleção Etnográfica de Carlos Estevão de Oliveira no Museu do Estado de Pernambuco:

Foi uma experiência muito rica, muito legal em poder fazer essa pesquisa. Fazer uma pesquisa etnográfica numa perspectiva da Museologia. De entender de que maneira aquelas coleções etnográficas falavam. Como elas foram apropriadas pelo espaço da instituição Museu. O que aqueles acervos queriam comunicar ou de que maneira falavam de um momento, de uma relação política com o pesquisador, colecionador e os Povos indígenas. De pensar como os Povos indígenas naquele momento percebiam esse movimento, né? Isso falava um pouco também sobre o tipo de antropologia que era feita na época. Então, foi muito importante fazer essas reflexões, fazer essas discussões no espaço do Museu do Estado de Pernambuco, essa pesquisa proporcionou isso. (Entrevista, junho de 2018)

O seu trabalho para a conclusão da graduação foi desenvolvido sobre o tema da identidade Fulni-ô. Ele procurou transmitir aos examinadores o que seria essa identidade. Os professores Peter Schröder e Renato Athias estiveram juntos no trabalho de orientação, cujo resultado culminou na publicação do artigo “Identidade étnica e reciprocidade entre os Fulni-ô de Pernambuco” em uma coletânea sobre os Fulni-ô (MELO, 2011)

Com o trabalho de graduação concluído e aprovado, tendo como parceiros de orientação, pesquisa e ativismo os professores acima mencionados, deu um passo adiante e se inscreveu para concorrer a uma Bolsa Ford, parte da política de inclusão social da Fundação Ford, sediada em Nova York, Estados Unidos. As ações que se propunha desenvolver tinham alguns princípios, dentre os quais segue:

Acreditamos em colocar a justiça racial no centro dos esforços para promover a democracia e a igualdade no Brasil. Apoiamos o surgimento e o crescimento de novas vozes e narrativas poderosas em contextos urbanos e rurais e trabalhamos para conectá-los a outros líderes, movimentos e instituições-chave de justiça social. (Disponível em: <<https://www.fordfoundation.org/regions/brazil/>>)

Um ano fora do Brasil proporcionou-lhe um aprofundamento na língua espanhola. Sua ânsia de viver no México, uma outra realidade sócio-cultural, possibilitou uma rápida adaptação na cidade do México.

Seu orientador do Mestrado foi o professor Alejandro Agudo, com formação na Escola de Manchestre, Inglaterra. Ele teve oportunidade, no período, de percorrer,

teoricamente, o campo antropológico para fins de ativismo, e à luz da tradição dessa Escola.

No México, conheceu o Professor Jorge Hernández Díaz⁷, com o qual desenvolveu muitas relações, tanto de caráter pessoal quanto acadêmica. O professor Jorge Hernández desenvolveu trabalho de campo antropológico entre os Fulni-ô no início dos anos 1980 e tem um vasto banco de imagens visuais daquele período. Essas imagens, em negativo e impressas, foram doadas a Wilke Torres para que ele o arquivasse como material iconográfico Fulni-ô. A amizade entre ambos trouxe bons resultados. Wilke Torres foi solicitado a traduzir, do espanhol para o português, um artigo de Díaz, ao passo que o professor fez a última correção da dissertação de Wilke Torres para que ele a apresentasse à Universidade Iberoamericana.

Sua presença na Universidade mexicana proporcionou-lhe ampliar suas redes de contatos tanto no mundo acadêmico quanto nos espaços interativos de modo geral. Conheceu indígenas Maia e de outras etnias, visitou Chiapas, onde conheceu, de perto, um ativismo indígena pouco percebido no Brasil, pois, de acordo com a sua experiência, esse modelo político vai mais além de um contexto apenas retórico ou baseado na tutela estatal, como ele supõe ocorrer no Brasil. Ademais, pode conhecer pessoas de outros campos da antropologia, tais como antropologia urbana, campesina e esportiva, tudo a partir do Programa de Antropologia da Universidade. Aproveitou o valor pouco mais alto da bolsa para conhecer o México, percorrendo lugares importantes, como os municípios autônomos zapatistas.⁸ Sua interação com o universo social mexicano se ampliou bastante, ao ponto do seu sotaque de estrangeiro não mais se distinguir entre a população. Nesse sentido, ele faz o seguinte relato:

Uma vez, eu lembro, que eu cheguei na dentista, numa atendente da dentista, e comecei a conversar com ela, isso já depois de um ano que eu tava lá, comecei a conversar com ela. Colocar um aparelho, num sei o que, comecei a conversar com ela e ela olhou pra mim, disse assim “oiê, você tem um tom um tonzinho

⁷ Sociólogo pela Universidade Autónoma “Benito Juárez” de Oaxaca (UABJO). Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília, Doutor e Antropologia pela Universidade de Connecticut (EE.UU) e pesquisador titular Instituto de Investigações Sociológicas da UABJO.

⁸ Los municipios autonomos son entidades politico-administrativas donde las bases de apoyo del EZLN ejercen la autodeterminacion indigena, de modo paralelo a las instituciones oficiales. Desde 1996, en el marco de los Dialogos de Paz de San Andres Sakamch'en de los Pobres sobre los Derechos y Cultura Indigena, los zapatistas han priorizado la creacion de sistemas de autogobierno a traves de aproximadamente 42 municipios autonomos, agrupaciones politicas que tienen presencia en una tercera parte del estado de Chiapas. Han creado comisiones administrativas que impulsan programas alternativos de educacion, salud, produccion agricola y justicia, junto con sus instancias de gobierno propio, los consejos autonomos, a nivel municipal, y las juntas de buen gobierno a nivel de los caracoles (ambito supramunicipal, regional), o zonas zapatistas. (MORA BAYO, 2011:40)

diferente do da gente aqui, você por acaso é da da região das praias? Você é de Vera Cruz?” . Eu disse “não, não sou de Vera Cruz não, eu sou brasileiro.” Ela sorriu. (Entrevista, junho de 2018)

A postura de se aproximar do México, acessando os conhecimentos acadêmicos e as políticas indígenas da América Latina, facilitou, no sentido de mitigar, o sentimento saudosista acarretado pela distância do Brasil e dos Fulni-ô.

Ao retornar ao Brasil, depois de um ano ininterrupto no México, parecia redescobrir o sentimento de brasilidade, regionalismo, de ser caboclo do sertão nordestino. A ligação dele com a terra natal intensificara a saudade e o levava a concentrar todos os esforços possíveis no trabalho de final do mestrado.

Uma das maiores dificuldades sentidas por estar ausente da Aldeia Fulni-ô foi não haver participado, pela primeira vez, do Ouricuri, o mais importante ritual desse povo indígena, que acontece entre agosto e dezembro de cada ano, para onde o Povo Fulni-ô migra durante esse período. O que, todavia, não impediu que suas práticas espirituais continuassem a ser feitas, mesmo estando distante do contexto sociocultural de origem.

Mas, como um bom Fulni-ô que eu sou. Isso, eu sigo as minhas regras, nosso regulamento de ser Fulni-ô, eu tava no México, mas eu levei todos os meus adereços, meus acessórios, meus, né? Num tinha um momento das coisas que aconteciam aqui, no caso do calendário ritual nosso daqui, que eu não tivesse lá, conectado, né? Conectado com o que acontecia aqui. Apesar da distância, de sentir falta da família, tudo, mas espiritualmente falando, em termo de comunicação espiritual mesmo, eu tava presente aqui, e esse nosso mundo aqui tava presente lá. Enquanto a isso, eu tava fortalecido. Isso era inclusive, era inclusive uma base pra eu poder tá fora, pra estudar lá fora. Se essa base, se essa comunicação se rompesse, se eu tivesse com dificuldades de comunicação eu tinha abrido, como dizem os matutos daqui “eu tinha abrido do pau”, eu teria desistido, podendo não ter dado certo, podia ter acontecido uma série de coisas. (Entrevista, junho de 2018)

Vale notar que, desde muito jovem, Wilke Torres demonstrou interesse pelas histórias e questões sociais dos Fulni-ô, permanecendo, muitas vezes, nas rodas de conversas dos adultos, o que lhe permitiu acumular um vasto repertório sobre a história e a cultura locais, além de aproximá-lo dos mais velhos da Aldeia. Ele lembra:

Minha Vó dizia assim “meu filho, meu filho eu não sei porquê meu coração se abre pra eu lhe dizer essas coisas.” Porque ela era acostumada receber na casa dela as mulheres mais mais sábias do Povo. Mulheres e homens mais sábios do Povo sentavam com ela pra conversar e eu era aquele menino curioso que sentava junto deles e ficava ali escutando. Eu cresci desse jeito, né? E depois na minha adolescência mais, já nos vinte anos, num sei o quê, eu sentava mais ela, começava, puxava conversa, a gente ficava conversando, ela dizia “meu filho, eu não sei porquê meu coração se abre pra eu lhe dizer essas coisas, porque essas conversas não era pra eu conversar com menino de vinte anos”. (Entrevista, junho de 2018)

A elaboração deste pequeno ensaio se desenvolveu mediante um conjunto de

diversos meios. O principal talvez tenha sido a utilização de um espaço de discussão sobre egressos indígenas nas universidades, de modo a apreender tal espaço como campo de percepção e fortalecimento de políticas públicas. Uma outra não menos importante foi a de tentar identificar, na própria trajetória de um indígena antropólogo, testemunhos de resistência social e cultural de um povo historicamente resistente à conquista do colonizador. O exercício teve início com uma entrevista, na Aldeia Urbana Fulni-ô, em junho de 2018, conduzida pelo primeiro dos dois autores do ensaio; na sequência, houve a elaboração do resumo para o GT e a escrita do texto, compartilhada por comunicação via e-mail. Ele foi interrompido, provisoriamente, com uma mensagem de Wilke Torres de Melo:

Querido Romério, relendo os avanços com o artigo me tocou a necessidade de trabalhar mais [...]. Fiquei com o desejo de voltar ao texto em outro momento para uma imersão, de fato. No momento atual não consigo imergir no texto porque estou ansioso para voltar para o ritual [o Ouricuri]. Por ora acho que é fechar o que temos e apresentá-lo. Mas certamente será um texto que me proponho a retomar para desenvolver pontos que você bem questiona.....pontos fundamentais para uma futura publicação.⁹

⁹ Texto editado para fins de síntese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Gersem. Indígenas antropólogos: entre a ciência e as cosmopolíticas ameríndias. In: (orgs.) Carmen Rial e Elisete Schwade. **Diálogos antropológicos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016. p. 47-57.

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do ilustríssimo João Maurício conde de Nassau Etc.** Rio de Janeiro, RJ: Serviço gráfico do Ministério da Educação, 1940.

DE LA CADENA, Marisol. Política indígena: un análisis más allá de ‘la política’. Red de Antropologías del Mundo World Anthropologies Network, 4, 139-171. 2009.

FORDFOUNDATION. **BRASIL**. Disponível em: <<https://www.fordfoundation.org/regions/brazil/>> Acesso em 07 de outubro de 2018.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade. Estudos e Pesquisas Sobre As Américas, Brasília, v. 11, n. 2, p.93-108, 30 ago. 2018. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/26104/pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

MELO, Wilke Torres de. Identidade Étnica e Reciprocidade entre os Fulni-ô de Pernambuco. In: (ORG.), Peter Schröder. **Cultura, Identidade e Território no Nordeste Indígena: Os Fulni-ô**. Recife: Editora Universitária da Ufpe, 2011. p. 121-142.

_____. Dinámicas políticas indígenas: Una interpretación etnográfica del fenómeno político en el proceso de resistencia étnica Fulni-ô en noreste de Brasil. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Estudios Con Reconocimiento de Validez Oficial Por Decreto Presidencial, Universidad Iberoamericana, Mexico, D.f, 2013.

BAYO, Mariana Mora. La Autonomia Indígena y la mujer zapatista frente al legado del mestizaje. In: MARCO, Aparicio Wilhelmi (ed.). Contracorrientes: apuntes sobre igualdad, diferencia y derechos. Girona: Documenta Universitaria, 2011. p. 39-56.

PIRES, Maria Idalina Cruz da. “Guerra dos Bárbaros”: resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial. Recife: FUNDART, 1990.

RICARDO, Beto; SANTILLI, Carlos; MARCIO, Máres. Autonomias indígenas e desenvolvimento sustentável no Brasil. 2010 (Inédito).

TODD, Zoe. “Uma interpelação feminista indígena à “Virada Ontológica”: “ontologia” é só outro nome para colonialismo”. Antropologia Crítica. Disponível em: <https://antropologiacritica.wordpress.com/2015/12/22/umainterpelacao-feminista-indigena-a-virada-ontologica-ontologia-e-so-outronome-para-colonialismo/>.